

DIPLOMACIA

Pacheco cobra que país se desculpe com Israel

Presidente do Senado classifica de "equivocada" a declaração de Lula a respeito do Holocausto. Mauro Vieira é chamado à Casa para esclarecimentos sobre crise

» ALINE BRITO
» INGRID SOARES
» EVANDRO ÉBOLI

A crise diplomática tem repercussão, também, no Congresso. Ontem, o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), afirmou que o Brasil deve desculpas a Israel após o presidente Luiz Inácio Lula da Silva comparar a guerra em Gaza ao Holocausto.

"Ainda que a reação perpetuada pelo governo de Israel venha a ser considerada indiscriminada e desproporcional, não há como estabelecer um comparativo com a perseguição sofrida pelo povo judeu no nazismo", enfatizou, na sessão de ontem. "Entendemos que uma retratação dessa fala seria adequada. É fundamental que haja uma retratação e um esclarecimento, com um pedido de desculpas, pois o foco das lideranças mundiais deve estar na resolução do conflito entre Israel e Palestina."

Pacheco ainda disse que, certamente, a declaração de Lula não representa o verdadeiro pensamento do presidente, e não passou de uma "fala equivocada".

"O governo brasileiro é mundialmente conhecido por sua diplomacia moderada, então devemos mostrar nossa influência, nossa contribuição para a pacificação do conflito de modo equilibrado."

O senador Omar Aziz (PSD-AM), que se identificou como filho de palestino, rebateu Pacheco: "Presidente, me tipifique o que é matar 30 mil inocentes? Quantos terroristas foram mortos com esses ataques? E tirar 1 milhão de palestinos, dizer 'saíram daqui e vão para o gueto, porque nós vamos atacar'".

Já o presidente da Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional (CRE) do Senado, Renan Calheiros (MDB-AL), convidou o chanceler Mauro Vieira para prestar esclarecimentos ao colegiado e responder a "indagações e dúvidas" sobre o caso. Segundo Calheiros, o ministro deve comparecer à Casa na primeira semana de março. "Convidei o chanceler Mauro Vieira para ir à CRE do Senado debater a crise com Israel, responder indagações e dúvidas. O ministro, como sempre, se prontificou a ir já na primeira semana de março, em virtude das agendas do G20 e outros compromissos internacionais", escreveu Calheiros, por meio das redes sociais.

Marcos Oliveira/Agência Senado



Rodrigo Pacheco: "O governo brasileiro é mundialmente conhecido por sua diplomacia moderada"

É fundamental que haja uma retratação e um esclarecimento, com um pedido de desculpas, pois o foco das lideranças mundiais deve estar na resolução do conflito entre Israel e Palestina"

Rodrigo Pacheco (PSD-MG), presidente do Senado

Pedidos na gaveta

A análise para o prosseguimento do pedido de impeachment cabe ao presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL). Ele não é obrigado a analisar o requerimento em um prazo específico, e a solicitação pode permanecer sem avanço. Foi o caso de ações que pretendiam o afastamento do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL). Apesar do número de solicitações contra o ex-chefe do Executivo, Lira não deferiu nenhum dos pedidos, e o tema nem sequer foi apreciado pela Câmara na gestão passada. Lula, inclusive, já é alvo de 11 pedidos de impeachment que permanecem na "gaveta" de Lira.

para ouvir o ministro na CRE.

Ato da oposição

Na Câmara, deputados contrários ao governo anunciaram que vão protocolar hoje o pedido de impeachment contra Lula. Os parlamentares conseguiram apoio de 122 colegas, mas adiaram a apresentação do documento para esta quarta-feira porque aguardam novos apoios.

Autora do pedido, Carla Zambelli (PL-SP) afirmou que recebeu ligação de vários deputados

que querem assinar, mas estão em trânsito para a capital.

Os signatários do pedido se revezaram, ontem, em discursos no Salão Verde, principal espaço de exposição na Câmara, e fizeram duros ataques a Lula.

O deputado Marcel Van Hattem (Novo-RS) disse que Lula deveria estar preso e que o chefe do Executivo tem envergonhado o país. "O presidente está enlameando a imagem do Brasil no exterior", sustentou.

Alvo recente de uma ação da Polícia Federal, o deputado Carlos Jordy (PL-RJ), líder da minoria na Câmara, repudiou a fala de Lula e frisou que se trata não só de um crime de responsabilidade, mas também um crime contra a humanidade.

"Lula, agora, tenta inverter o jogo, se apresentando como a vítima dessa história. Sua declaração foi um absurdo e, em vez de fazer uma mea-culpa, ao contrário, dobra a aposta ao querer denunciar Israel em tribunais internacionais", criticou Jordy.

Exponente do bolsonarismo, Bia Kicis (PL-DF) afirmou que Lula foi o primeiro presidente brasileiro a ser considerado uma "persona non grata" por uma nação estrangeira. "É de se lamentar o que Lula fez. Em Israel, há estátuas de Oswaldo Aranha pelas ruas. Se trata do brasileiro que foi fundamental para a criação do Estado de Israel, quando presidiu a ONU na década de 1940. O presidente foi inconsequente e irresponsável", disparou.

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo

Luizazedo.df@dabr.com.br



Diplomacia do governo Lula tem dualidade insustentável

Toda política externa bem-sucedida precisa de sustentação interna, ou seja, da construção de um amplo consenso nacional, para que seja realmente uma política de Estado e não meramente de governo, suas nuances não podem ser a essência da diplomacia. O que faz do Itamaraty uma das mais prestigiadas e reconhecidas chancelarias do mundo é sua capacidade de sustentar nossa política externa independente e pragmática desde a década de 1970, ou seja, em plena ditadura militar, adaptando-se às circunstâncias políticas sem perder seus objetivos estratégicos. Os presidentes passam, o Itamaraty fica. Em torno dela, construiu-se um consenso nacional.

O que aconteceu no governo Bolsonaro, com o chanceler Ernesto Araújo, foi um desvio de conduta na política externa que levou o Brasil a ser tratado como pária internacional. A simples eleição do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, pela mudança de rumo político, fez com que essa situação se revertesse rapidamente, o que possibilitou uma intensa agenda internacional e restabeleceu o nosso lugar no mundo. Entretanto, diante de fatos novos na conjuntura mundial, com a guerra da Ucrânia e a guerra de Gaza, está cada mais vez claro que há uma dualidade que pode se tornar desastrosa: existe uma diplomacia de Estado, cuja execução está a cargo do nosso corpo diplomático, que o chanceler Mauro Vieira lidera; e uma diplomacia de governo, idiossincrática, na qual o ex-chanceler e assessor especial da Presidência Celso Amorim pontifica como seu ideólogo.

Os grandes artifícios da atual política externa foram San Tiago Dantas, Azeredo da Silveira e Saraiva Guerreiro, em circunstâncias completamente diferentes, mas que resultaram numa cultura diplomática consolidada no Itamaraty e admirada internacionalmente, nunca tiraram o pé do Ocidente. San Tiago Dantas foi nomeado embaixador do Brasil na ONU em 22 de agosto de 1961, mas não assumiu o cargo porque o presidente Jânio Quadros renunciou. Com João Goulart na Presidência, durante o regime parlamentarista, foi o grande artífice da nossa política externa independente: liderou os países contrários à suspensão de Cuba da Organização dos Estados Americanos (OEA), defendida pelos Estados Unidos; restabeleceu relações diplomáticas com a União Soviética, rompidas em 1947 pelo governo Dutra; e chefiou a delegação brasileira enviada a Genebra para participar da Conferência de Desarmamento, onde o Brasil se definiu como "potência não-alinhada".

Azeredo foi chanceler do governo Geisel, quando se iniciou o tortuoso processo de abertura política do regime militar. Sua política externa foi o "pragmatismo responsável e ecumênico". Como isso se traduziu na prática? Pela autonomia e universalismo, que levou o Brasil a restabelecer as relações com a China comunista e se aproximar do mundo árabe, em meio a contradições políticas, como o acirramento do conflito com a Argentina, por causa de Itaipu, e com os Estados Unidos, em decorrência da questão dos direitos humanos e do acordo nuclear com a Alemanha. Na sua gestão, o Brasil foi um dos primeiros países a reconhecer a independência de Angola.

Iberismo e americanismo

Ramiro Saraiva Guerreiro foi ministro das Relações Exteriores do governo do general João Figueiredo, entre 1979 e 1985. Negociou a construção da hidrelétrica de Itaipu com o Paraguai, que enfrentava a oposição argentina. Enfrentou críticas em relação ao posicionamento do Itamaraty na África e no Oriente Médio, sem falar quanto ao reconhecimento da OLP como "único e legítimo representante do povo palestino" na sessão da Assembleia Geral da ONU, na qual o chanceler brasileiro criticou a postura de Israel nas negociações de paz com os países árabes.

A chave da política externa brasileira é o não alinhamento automático, a identificação e a defesa dos interesses concretos do Brasil. Isso no contexto da guerra fria e dos alinhamentos automáticos, que subordinavam as relações Norte/Sul ao conflito Leste/Oeste. Desde então, é uma tradição diplomática reconhecida internacionalmente e respeitada. O Brasil ocupa uma posição geopolítica privilegiada, por suas dimensões continentais e como nona economia do mundo. Nossas relações Norte/Sul estão ancoradas no Ocidente, apesar de o nosso iberismo ser uma marca registrada da política brasileira: liberal, republicana conservadora e positivista.

Em *Raízes do Brasil*, Sérgio Buarque de Holanda associa o iberismo ao personalismo, aos obstáculos à modernização, à racionalização e à impessoalidade das instituições. O iberismo valoriza o Estado e a hierarquia social rígida. Entretanto, somos um país do Ocidente, sob forte influência do americanismo, culturalmente hegemônico no nosso processo de urbanização. Para a maioria da sociedade brasileira, o estilo de vida norte-americano, muito mais do que o europeu, é o espelho a ser seguido. Uma política antiamericana no Brasil não tem a menor chance de dar certo, o que não significa apoio incondicional nem alinhamento automático na política externa dos EUA. Nosso campo é o das democracias do Ocidente, e não o das autocracias do Oriente. Lula ainda é um líder do Ocidente em desenvolvimento, mas pode pôr tudo a perder se aderir ao velho terceiro-mundismo, inclusive internamente.

Declarações recebem apoio no exterior

A atriz Susan Sarandon, vencedora de um Oscar e notória ativista a favor da Palestina, compartilhou uma postagem da marca de roupas Wear the Peace, na qual consta o discurso em que Luiz Inácio Lula da Silva compara a guerra em Gaza com o Holocausto.

A postagem compartilhada pela atriz no X (antigo Twitter) apresenta o discurso de Lula em fotos, com legendas em inglês: "O que acontece em Gaza não é uma guerra, é um genocídio", diz o presidente. "O que está acontecendo na Faixa de Gaza com o povo palestino não existiu em nenhum outro momento histórico. Aliás, existiu quando Hitler resolveu matar os judeus."

Essa não foi a primeira vez que Susan Sarandon se manifestou a favor da Palestina. Nas redes sociais, ela se apresenta como atriz, mãe e ativista e compartilha várias postagens em prol do povo palestino.

A atriz, inclusive, participou de um protesto na capital dos Estados Unidos, Washington,

contra a ação militar de Israel na Faixa de Gaza.

Quem também apoiou o discurso do líder brasileiro foi o presidente da Colômbia, Gustavo Petro: "Expresso minha total solidariedade ao presidente Lula do Brasil. Em Gaza, há um genocídio, e milhares de crianças, mulheres e idosos civis são covardemente assassinados. Lula só falou a verdade, e defende-se a verdade, ou a barbárie nos aniquilará", escreveu no X. Segundo ele, "toda a região deve unir-se para acabar imediatamente com a violência na Palestina".

Também pela rede social, o ex-presidente do Uruguai José Pepe Mujica fez uma declaração de apoio ao chefe do Executivo. "Viva Lula, viva Brasil", escreveu, sem citar a crise diplomática que o país enfrenta com Israel.

No ano passado, Mujica apelou para que o grupo extremista Hamas libertasse os reféns latino-americanos e condenou as atitudes terroristas. "Não vão resolver o problema da Palestina, a causa justa que podem ter tido historicamente, sacrificando as

Getty Images via AFP



A atriz Susan Sarandon compartilhou postagem do discurso de Lula

peças", disse, na ocasião.

Já em 2020, o ex-presidente uruguaio assinou um manifesto ao lado de Lula contra anexação de parte da Cisjordânia por Israel. "Décadas de processos de negociação têm sido utilizadas

como armas por sucessivos governos israelenses para aumentar e fortalecer o roubo de terras palestinas, forçar o deslocamento de comunidades e expandir os assentamentos ilegais", dizia o texto.